

S&P nega que risco do Brasil possa ser reduzido em breve

Economia Brasil

Para especialista, governo ainda precisa fazer várias reformas e superar seus problemas fiscais

RITA TAVARES

A diretora de rating (avaliação de risco) para a América Latina da Standard & Poor's, Lacey Gallagher, não acredita que o Brasil tenha upgrade (melhore sua classificação) no futuro próximo. O rating atual do País é BB-. Isso porque o Brasil precisa passar por uma série de reformas e suplantear graves problemas fiscais. Uma série de países da América Latina está em melhor situação, podendo receber um upgrade. O México — hoje com um rating BB — foi citado como um país que pode, dentro de um a três anos, receber melhor cotação, apesar dos riscos políticos que enfrenta. Na América Latina, o Brasil só está melhor do que a Venezuela, segundo Lacey.

A economista, que participou ontem do seminário Brasil na Visão de Wall Street, demonstrou preocupação com a o avanço de Luiz Iná-

cio Lula de Silva nas pesquisas eleitorais, embora ache que é muito cedo para uma avaliação mais acurada, já que faltam quatro meses para a eleição. "Seria prematuro que os investidores saíssem do País em função dessa situação presente."

Lacey entende que o mais provável é que o presidente Fernando Henrique Cardoso ganhe as eleições. A maior preocupação da economista é com o Congresso e os governadores que serão eleitos. "É fundamental que eles apoiem as reformas, para que se tornem viáveis." Mais importante do que a situação política são

alguns aspectos da economia, segundo ela. O déficit fiscal é algo que preocupa, porque nem mesmo o governo esperava que ele crescesse tanto e tão rapidamente.

A economista acha que o déficit

que será anunciado em agosto, relativo aos últimos 12 meses, deve chegar a 7%. "Isso é preocupante e reforça a necessidade de uma reforma fiscal." Lacey conhece a proposta de reforma tributária encaminhada pelo secretário-executivo do Ministério da Fazenda, Pedro Parente, e acha que em linhas gerais é o que deve ser feito. (AE)

19 JUN 1998

ANALISTA

PREVÊ DÉFICIT

ANUAL DE 7%

ATÉ AGOSTO